

DEPOIS DE AULAS PRESENCIAIS (1º PERÍODO)  
E  
DE AULAS À DISTÂNCIA (2º PERÍODO)

A PANDEMIA CONTINUA  
VAGAROSAMENTE

19 DE ABRIL DE 2021

O REGRESSO AO ENSINO PRESENCIAL

(COM O CUMPRIMENTO ESCRUPULOSO DAS RECOMENDAÇÕES DA D.G.S.)



DOUTORAMENTO  
HONORIS CAUSA

JORGE SILVA MELO E  
LUIS MIGUEL CINTRA

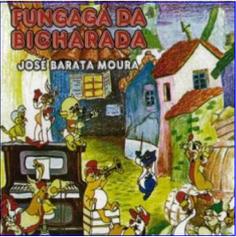
REITORIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA  
AULA MAGNA

18-05-2021 ONLINE 11H00



DOIS EX-CAMONIANOS

UM EXEMPLO  
E  
E UM ORGULHO



## Confluências

### UM PROJETO



Poemas + Alunos + Professores + EE + Amigos/as + Zoo = ZOOEMAS

<https://youtu.be/5XgoNTHCUnk>

*Mais uma vez a comunidade educativa da Escola Secundária de Camões respondeu a um repto de que resultou um extraordinário exercício de criatividade, e inclusão.*

*Zooemas integra o projeto Ler para despertar engenhos curiosos | Movimento 14-20 a Ler do Plano Nacional de Leitura.*

**Título:** *Confluências*

**Iniciativa:** Departamento de Estudos Portugueses

**Coordenação de edição:** António Souto e Lurdes Fernandes

**Periodicidade:** Trimestral

**Impressão:** GDCBP

**Tiragem:** 250 exemplares

**Depósito Legal:** 323233/11

**Propriedade:** Escola Secundária de Camões

**Praça José Fontana**  
1050-129 Lisboa

**Telefs.** 21 319 03 80  
21 319 03 87/88

**Fax.** 21 319 03 81

## As Mulheres na Literatura

COM A PRESENÇA DE  
ANABELA MOTA RIBEIRO E  
TATIANA SALEM LEVY



©AE.M.CAMÕES

Uma das várias iniciativas desenvolvidas pela Associação de Estudantes.

Nesta edição:

ZOOEMAS .....	p. 2
Scriptomanias .....	p. 3
Oficina de escrita .....	p. 4
Opinião .....	p. 5
Imagens de um apego .....	p. 6
A partir de um livro .....	p. 7
A partir de um filme .....	p. 7
Celebrar Abril .....	pp. 8-11
Cidadania e Desenvolvimento ...	pp. 12-14
Manda um poema ao Camões ....	p. 15
Dia Mundial das Artes .....	p. 16
Um contributo .....	p. 16
Coisas que nós fazemos .....	p. 17
Crónica .....	p. 18
Esboços .....	p. 19
Breves .....	p. 20

## Confluências

### SCRIPTOMANIAS

#### O meu futuro em slides do passado

A minha avó usa um vestido curto e uns óculos escuros modernos e dá a mão ao meu pai, no cimo de umas escadas que levam a um campanário de igreja. O céu está carregado e o cenário mostra uma ruína. Mas aqueles braços esticados, em 1975, ou 1976, recortados contra o céu, trazem-me aqui.

Eu vejo este passado em contraluz, nestes quadradinhos mágicos que o meu pai guarda em caixas de plástico duro de uma marca distante, “Agfacolor”. E olho para eles tentando que a luz do sol me devolva a imagem muito gasta do passado. Aqui, como diria Caetano Veloso, em que aquilo que ainda parece construção já é ruína, homenageio o tempo em que tudo parecia ruína e estava a ser construído.

A minha avó parece feliz nas fotos. Nesta e nas outras, em que agarra o meu pai ao colo, quando ele tinha poucos meses e o 25 de Abril de 1974 os apanhou de fraldas por mudar e biberões por dar. O meu avó saiu de casa e foi ver os cravos na rua.

Fotografou muito, o meu avô. E por isso quase nunca aparece nas fotos que eu agora vejo. Estava sempre atrás, a ver os braços recortados no céu, o sorriso da minha avó na praia.

Eu também fotografo muito, de forma diferente. Não faço como o meu avô, que imaginava a olhar para um quadradinho minúsculo da máquina estorjo (Nikon F) o que seria a fotografia - que bonita palavra, te. Às vezes, muitas vezes, a fotografia real.

Eu hoje tenho o som desse botão móvel me dá para recriar as fotografias mal? Apago... As fotografias para co. São a nossa forma de mostrar que aplaudem nas redes sociais. Mas, pa-uma imagem está nas fotografias do

É nelas que vejo como o tempo passe faz feliz.

Talvez não tanto como a minha avó, que sorri, mesmo ausente daquela festa que foi a democracia inaugural (o “dia inicial inteiro e limpo”). O céu azul luminoso e infinito destas fotografias, numa época de esperança e liberdade, mostra a alegria que só a esperança traz. A esperança é a memória heroica que quero guardar.

A minha geração está a habituar-se a um futuro incerto, egoísta, competitivo e frio. Não me entendam mal... Eu guardo destas memórias familiares o mesmo sorriso que a minha avó mostra. Guardo a mesma esperança. Aquele tempo, em que os meus avós sabiam, com toda a certeza, que o futuro do meu pai seria melhor que o deles. Não importa se foi, ou não, mesmo assim. Seguramente que foi, por um lado, porque a minha avó ainda sorri, orgulhosa, hoje. Mas o orgulho é meu, que estou numa escola menos desigual, num país em paz, por onde passaram mais de 40 anos que parecem séculos nos indicadores do nosso desenvolvimento coletivo.

Tudo isso, graças àquela esperança que vejo nestas imagens a contraluz. A esperança que devo guardar, quando o mundo precisa dela, com as minhas opções livres de ambientalista e vegetariana, ideias que soariam estranhas à minha avó, naquele tempo em que o meu avô a fotografava, e o meu pai aprendia a andar. Essa é a liberdade que me passaram, em testemunho, e eu agradeço e espero manter nas fotos digitais que tiro despreocupada, para que um dia alguém nelas veja um bocadinho do orgulho que eu tenho daquela construção que os meus avós fizeram de uma ruína.

Margarida Pena, 12º L

Neste ano letivo a turma 12º L resolveu fazer um livro onde se propuseram ouvir e registar uma série de histórias, episódios de uma vida dos seus tios, avós, enfim, dos mais velhos que lhe são próximos. Durante o 1º período foi a escolha, a escrita e a seleção de imagens. Seguiu-se a revisão do texto, a conceção do livro, o grafismo, as imagens, a capa, o logo... e chegou-se ao produto final - um e-book (mas também foi impresso e ficará na BE). A 18 de maio foi o lançamento do livro (gravado e no

Youtube da escola) e neste momento está disponível neste link

- <https://issuu.com/tetesabo/docs/historias-de-uma-vida-13-maio>

Teresa Saborida (Profª Bibliotecária)

# coragem

## Confluências

### OFICINA DE ESCRITA

#### A coragem (I)

«A coragem é a primeira das qualidades humanas porque garante todas as outras.»

A coragem é a qualidade que todos afirmam ter, mas poucos a têm para admitir a falta da mesma. Pela curta expressão de vida que tenho, não me resta outra opção senão concordar com a afirmação transcrita.

Hoje em dia, no meio de tanta maldade e “escuridão”, só a coragem nos serve de “guia” para todas as outras qualidades. Do meu ponto de vista, atualmente, precisamos de coragem para sermos nós próprios, para sermos bondosos, para amarmos e, essencialmente, para vivermos.

A coragem é, portanto, essencial para nos mantermos leais a nós próprios. Apenas com base na coragem conseguimos ser bondosos (não sucumbindo ao medo de sermos magoados ou prejudicados), conseguimos amar (sem receio da opinião ou julgamento alheios), conseguimos admitir as nossas falhas (libertando a ideia de que somos “perfeitos”), conseguimos ser honestos (não tendo medo que a mentira compense mais do que a verdade), e é apenas com coragem que conseguimos ser nós próprios.

Diariamente, as pessoas têm de lidar com as mais brutais formas de ódio (preconceitos, homofobia, xenofobia, racismo, entre outras), e apenas as mais corajosas se conseguem manter leais a elas mesmas. Temos, por exemplo, o caso dos imigrantes – a maior parte deles são alvo de preconceitos e apenas com muita coragem se orgulham do que são, não se adaptando a uma sociedade “doente”.

Para além de tudo isto, a coragem é a “fonte” de todas as outras qualidades humanas, principalmente, o altruísmo. Não há exemplo mais atual do que a presente situação pandémica: médicos, e não só, arriscam a sua saúde diariamente, por terceiros, para salvar mais vidas do que as que eu consigo enunciar.

A coragem é, então, a chave de que precisamos para alcançarmos todas as outras qualidades humanas.

**Beatriz Ferreira, 11º E**

#### A coragem (II)

«A coragem é a primeira das qualidades humanas porque garante todas as outras.»

Coragem. Coragem é o que muitos de nós não temos, mas o que todos devíamos ter.

Coragem para ajudar o próximo, coragem para sermos o que somos, dizermos o que pensamos, sentirmos o que sentimos e por quem sentimos. Coragem para nos mostrarmos como somos, sem medo do que possam pensar de nós, coragem para admitirmos o que sentimos, sem medo da vulnerabilidade...

Muitas vezes, o medo acaba sempre por dominar a coragem, pois há ocasiões em que a demonstração desta acaba pior do que se tivéssemos “mergulhado” no medo. Passo a explicar: uma das situações que mais me preocupa e assusta no dia a dia é a brutalidade, a violência com que os humanos tratam outros humanos, muitas vezes por questões que nem levantadas deviam ser. Para mim, este é um tipo de situações que exige coragem, não só da pessoa que está a ser maltratada, mas simultaneamente das pessoas que a rodeiam, que testemunham a injustiça. Infelizmente, a maior parte das vezes ninguém faz nada. E porquê? Por medo, porque é mais fácil, é mais seguro ter medo, sucumbir ao medo, do que ter coragem para ajudar o outro, sabendo que não é nada consigo e que poderá acabar mal para ambos, porque também se tem muito a perder no caso de correr mal... Eu incluo-me a mim própria neste grupo de pessoas, mas sei reconhecer que tomar a iniciativa e ajudar num momento destes era o mais correto e corajoso que podia fazer. Por exemplo, a notícia que ouvimos há relativamente pouco tempo sobre o senhor que se atirou para salvar outro que tinha caído ao rio demonstra um verdadeiro ato de coragem. O senhor ia a passear com o filho e largou-o, arriscou tudo, mesmo sabendo que, apesar de saber nadar, algo podia correr mal, e foi ajudar outro ser humano, que nada lhe era senão alguém “igual” a si. E se isto não é ter altruísmo e coragem... então eu realmente não sei o que é!

Acho que esta coragem, este altruísmo, este amor ao próximo, é o que mais falta faz na sociedade atual. Olharmos uns para os outros de igual para igual e arriscarmos, não termos medo ou vergonha de ajudar aquele que é igual a nós!

**Sara Moreira, 11º E**

## Confluências

### OPINIÃO

Do modelo de Beleza renascentista...

**“O Photoshop permite-nos alcançar os nossos padrões inatingíveis de beleza.”**

Esta afirmação reflete, claramente, um comportamento cada vez mais recorrente da sociedade, nomeadamente com o aparecimento das redes sociais, e, com isso, o surgimento crescente da necessidade de ‘adaptação’ aos parâmetros de Beleza.

Há ferramentas, como o *Photoshop*, que dão a possibilidade de, numa questão de poucos cliques, transformar uma pessoa, através de um ficheiro multimédia, tornando-a mais bela aos olhos do



que vemos na nossa sociedade. Estes são os principais culpados por, através dos *media*, cada vez mais jovens idolatram formas físicas e morais de que não foram favorecidos, levando-os a utilizar ferramentas digitais como esta.

O *Photoshop* não nos permite alcançar os nossos padrões inatingíveis de beleza, mas apenas nos faz desvalorizar quem realmente somos, deixando-nos viciados naquilo que queremos ser.

Esta aplicação acentua as diferenças entre o campo do real e o campo do desejo, e ainda consegue fazer com que acreditemos que estes podem ser coincidentes.

Luís Gomes, 10º C

O *Photoshop* foi uma invenção bastante importante, principalmente para quem trabalha na área da edição, e depois para aqueles que só o usam ‘por brincadeira’.

Acho que este recurso transmite às pessoas uma ‘felicidade mentirosa’, porque quando recorrem a ele, para ficarem melhor em certas fotos, só se estão a iludir. Eu, por exemplo, era incapaz de o fazer, porque creio que já tenho o máximo de ‘beleza’ que posso atingir.

outro, e assim oferecendo uma ‘solução’ para alcançar a inatingível beleza ideal, desejada por muitos.

Para mim, todos estes comportamentos são meras ilusões, porque disponibilizam uma solução temporária e que não se ajusta à realidade, demonstrando como a sociedade vive dependente de opiniões alheias e desesperada por corresponder à perfeição, não fazendo justiça àquilo que é mais importante em cada um de nós, que, na minha opinião, são as diferenças, porque são elas que nos distinguem uns dos outros, que nos tornam únicos.

É isto que deveria ser celebrado e admirado com enaltecimento todos os dias!

Leonor Castelo, 10º C

A minha opinião relativamente ao *Photoshop* é o puro e simples: “Não vale a pena!”

Não vale a pena utilizar o *Photoshop* para deixar uma foto minha mais bonita, quando isso não vai alterar em nada a minha forma física, muito menos a minha personalidade.

Aqueles a quem a juventude de hoje chama *influencers* são os principais responsáveis por este mal

que vemos na nossa sociedade. Estes são os principais culpados por, através dos *media*, cada vez mais jovens idolatram formas físicas e morais de que não foram favorecidos, levando-os a utilizar ferramentas digitais como esta.

O *Photoshop* não nos permite alcançar os nossos padrões inatingíveis de beleza, mas apenas nos faz desvalorizar quem realmente somos, deixando-nos viciados naquilo que queremos ser.

Esta aplicação acentua as diferenças entre o campo do real e o campo do desejo, e ainda consegue fazer com que acreditemos que estes podem ser coincidentes.

Luís Gomes, 10º C

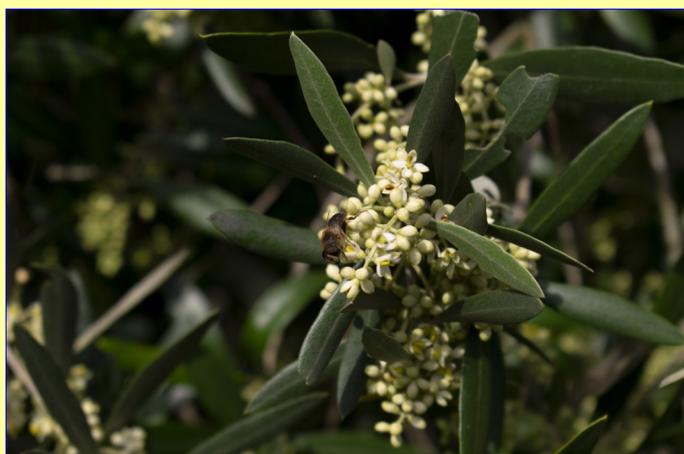
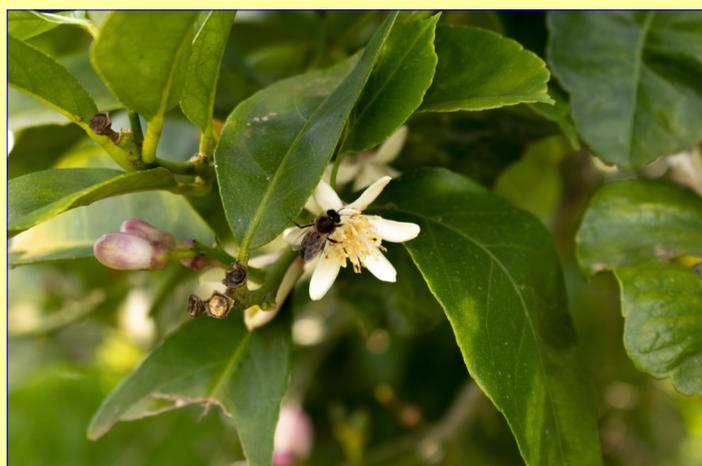
Hoje em dia, muitas pessoas usam-no para enganar outros, mostrando ser aquilo que não são, e, por isso, sinto que elas simplesmente têm falta de confiança e amor próprio, o que, no final, é o mais importante.



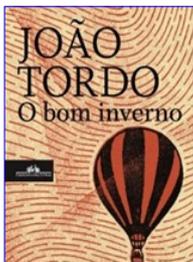
Luís Borges, 10º C

# Confluências

## IMAGENS DE UM APEGO



Fotos de **Joana Formiga**, ex-camoniana.  
(Atualmente no ensino superior,  
frequentando um curso de Design)



## Confluências

### A PARTIR DE UM LIVRO

#### *O bom inverno, de João Tordo*

Este romance foi um dos melhores que já li, até ao momento, e definitivamente o meu favorito de João Tordo.

A história (tal como as suas personagens) está muito bem conseguida, e o decorrer da ação surge naturalmente, mas de forma arrebatadora e surpreendente, prendendo o leitor até ao seu desfecho.

Tudo é descrito com grande precisão pelo narrador, o que permite mergulhar de cabeça na narrativa e descodificar todos os mistérios e aventuras, concebidos ao longo das suas 292 páginas. Mas,

apesar de ficcional, este livro aborda, de maneira muito autêntica, mas impactante, vários temas relativos ao nosso último desígnio, enquanto seres humanos, a vida após a morte, etc.

O final, como “cereja no topo do bolo”, é completamente inesperado, o que poderá, com muita probabilidade, deixar todos os leitores de boca aberta e a refletir, tal como eu, acerca da sua própria existência.

Em suma, recomendo este livro, sem sombra de dúvida, a todos os leitores que pretendem experimentar uma leitura incessante e inesquecível.

**Leonor Castelo, 10° C**

### A PARTIR DE UM FILME

#### **Natureza: Casa, Mãe e Professora**

A propósito do filme de Jean Giono

**“O Homem que plantava árvores”**

[<https://www.youtube.com/watch?v=cLajBygxwOk>]

O que é a Natureza senão Casa?

Casa de todos, onde crescemos, vivemos, encontramos conforto...

O que é a Natureza senão Mãe?

Mãe de todos, que nos dá tudo o que precisamos, amor, alimento, carinho...

O que é a Natureza senão Professora?

Professora de todos, que nos ensina cada detalhe da sua complexa e grandiosa existência...

O que é a Natureza senão vida? Se não tudo.

Estamos constantemente rodeados dela, dependemos dela, fazemos parte dela... tentamos separar-nos da Natureza quando, na verdade, somos um com ela.

A Natureza é a nossa casa, origem, nossa mãe e melhor professora. Tudo o que precisamos está na Natureza.

A Natureza tem tanto para dar, às vezes acho que pode dar demasiado... porque não damos de volta, quando recebemos tanto?

Ela ensina lições em cada detalhe, os seus ciclos e as suas estações mostram o quão necessárias e inevitáveis são as mudanças e que existe beleza em todas as fases. Mostra-nos o quão indispensável é o equilíbrio e que tudo começa com uma simples semente, um pouco de sol e água. Tudo que é grandioso começa com pouco, mas sempre começa com algo, que cada detalhe e ação faz a diferença, tudo tem um papel e objetivo nesta vida.

Nós somos dependentes da Natureza, pois fazemos parte dela e, pessoalmente, não gostaria de fazer parte de outra coisa. Sou filha, moradora e aluna da Natureza, e sou todas estas coisas com muito orgulho.

Nossa Casa, Mãe e Professora... recebemos tanto dela, coisas que nunca conseguiremos devolver e, no entanto, damos tão pouco!

Já vivemos em tal harmonia com a Natureza! Os que vieram antes de nós eram um com ela, eram gratos, tinham respeito e amor para com ela. Acho que são hábitos que nunca deveriam ter sido perdidos e espero que sejam retomados, porque é o mínimo que podemos fazer.

Por isso... obrigada Casa, obrigada Mãe, obrigada Professora! Obrigada Natureza!

**Ana Clara Santana de Brito, 10° L**

## CELEBRAR ABRIL

## O desconcerto da liberdade

(João Jaime Pires – diretor da Escola Secundária de Camões)

Os bons vi sempre passar,/ no mundo graves tormentos;/ e para mais me espantar,/ os maus vi sempre nadar,/ em mar de contentamentos. (Luís de Camões)

**1. Tantas vezes fui à guerra...** que só sei é guerrear. (Sérgio Godinho, *Coincidências*, 1983)

A pandemia deixará marcas que dificilmente esqueceremos. Também não esqueceremos o esforço que foi feito para que rapidamente tudo passasse ao digital; o acentuar das desigualdades para quem não domina a língua, nem tem condições de habitabilidade onde possam coexistir o espaço de trabalho, o espaço familiar, o espaço escolar; as dificuldades para quem não tem recursos tecnológicos; a incerteza para quem não tem capacidade de superação dos problemas.

A “capacitação” digital da maior parte das escolas veio “fora de tempo”, numa corrida imposta que se revelou não ser suficiente nem adequada. Desde o plano tecnológico (cujo lançamento foi feito em 2006/2007) que não havia um investimento sério nas escolas, o que provocou alguns dos problemas por que passaram os alunos e as famílias. No entanto, não é possível compreender ou analisar as desigualdades tendo unicamente em conta as carências tecnológicas. Acreditar na escola enquanto “elevador social” é olhar apenas para uma parte do processo; se a escola “presencial” esconde a pobreza, a escola online expõe outras pobreza, que se evidenciam, acentuam e envergonham, numa economia que não responde de forma adequada às migrações, ao desemprego, às qualificações, aos salários dignos. Acreditar na escola enquanto “elevador social” é um olhar que perdeu atualidade – hoje a escola devia ser um “elevador nacional”. Quando conseguiremos aceitar que um maior número de cidadãos mais escolarizados irá contribuir para um País melhor?

No ensino *online* não é possível fazer uma abordagem do currículo com o mesmo ritmo de um ambiente presencial. Ainda assim, continuamos com os mesmos programas (se é que ainda existem), orientações curriculares (se é que ainda existem), metas curriculares (se é que ainda existem), aprendizagens essenciais (o que atualmente parece ser o menor dos males), um perfil do aluno longe de se cumprir neste ziguezague educacional, e planos, muitos planos de ação estratégica, como se de remédios se tratasse para tapar todos os buracos de um currículo que se vai alargando em múltiplas áreas, num verbo de encher assustador e sem efeitos visíveis nas aprendizagens. E claro, sempre os habituais exames para aferir todas as aprendizagens e validar todas as classificações.

Tantas vezes fui à guerra... assim é que se vai, / assim é que são, / as gentes que farão / que os dias maus já lá vão...

**2. O novo normal** Ninguém sabe se sabe,/ Nem que açaço ou que destino nos cabe,/ O novo normal/ É terreno minado/ De acasos (...) No novo normal, nunca nada vai ser/ Nunca igual. (Sérgio Godinho, *O novo normal*, 2020)

A educação online foi uma resposta de emergência, mas não é nem será uma resposta fácil. Todas as atividades, ou quase todas, se conseguiram fazer com recurso ao digital, mantendo o contacto através do ecrã e, aparentemente, todos ganhámos competências. Somos quase “especialistas” nas plataformas *Teams*, *Zoom*, *Classroom*, *Canvas*, *Padlet*, multiplicam-se *webinars*, tutoriais, esclarecimentos sobre as melhores técnicas do ensino *online*, remoto ou a distância com a perda da privacidade individual e familiar já que estamos a trabalhar em casa, em horário “coincidente e contínuo”.

Mas estamos de regresso, e vamos mudar de novo, várias vezes, num só ano, nos ritmos, nas rotinas, nos processos, nas aprendizagens. Da distância ao presencial, microfones, câmaras, cliques e partilhas dão lugar a sorrisos, expressões, vozes, passos... a um “estar” na sala de aula, com manias, conflitos, convívios, cumplicidades, reforçando o mote de que aprender não é só adquirir conhecimento, mas também conviver com o ritual que anima cada escola, o seu ambiente, a sua cultura, a sua diversidade e a sua capacidade de integração.

Voltamos com medos, novos medos, incertezas, mas também esperança, sabendo que no novo normal,/ nunca nada vai ser/ nunca igual.

**3. E com um búzio nos olhos claros...** Vinham prá escola: a novidade! (Trovante, *Baile no bosque*, 1981)

O plano de transição do ensino a distância para o ensino presencial deve ser centrado na premissa de que a escola deve ser sentida como um lugar cuidador, de apoio ao desenvolvimento dos jovens. Neste novo regresso é importante manter uma postura tranquila, com rotinas tanto quanto possível normalizadas, proporcionando momentos de informação e de autocuidado, assim como de descontração dos jovens apesar da escassez temporal de preparação para os exames nacionais.

É natural que alguns jovens e alguns professores regressem com sentimentos de medo, de ansiedade e de frustração. É igualmente natural que sintam dificuldade em adaptar-se e integrar-se, devido a todas as alterações provocadas pela situação de isolamento, da mudança das rotinas, do corte da convivência presencial com os amigos, das novas modalidades de ensino/aprendizagem e da incerteza face ao futuro. A maioria dos jovens manifesta vontade de voltar à escola, porque esta não é só um local de desenvolvimento de competências cognitivas, é também um local de socialização, de desenvolvimento afetivo e social.

No entanto, a falta de liberdade e a saturação associada à pandemia COVID-19 criaram sentimentos de indiferença e alguma despreocupação no cumprimento de regras. Nos jovens, devido às próprias características da

adolescência, tudo isto se agudiza. A necessidade de estar com os amigos, de socializar, acrescida da necessidade de estimulação sensorial e do sentimento de intocabilidade, levam a não estar motivados para cumprir regras e, consequentemente, a ter comportamentos de risco. O apoio e aconselhamento psicológico poderão ter um papel muito importante nesta fase e contribuir para a adoção de comportamentos promotores da socialização e da saúde.

Ainda se sabe pouco sobre os efeitos da pandemia COVID-19, na saúde mental das crianças e jovens, apesar de alguns estudos estarem a ser feitos. O futuro o dirá!

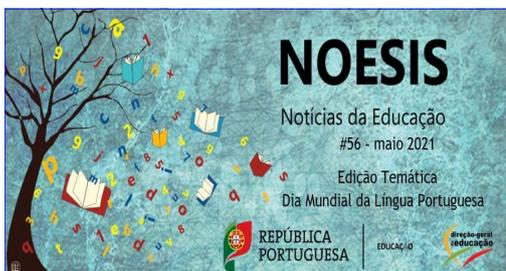
E com um búzio nos olhos claros, / ali chegaram para aprender, / o sonho, a vida, a poesia.

**4. Somos filhos da madrugada...** Navegamos de vaga em vaga (...) Pelas praias do mar nos vamos/ À procura da manhã clara... (José Afonso, *Traz outro amigo também*, 1970)

A Escola mudou na forma de ser, de estar, e este “tempo” poderá ser uma oportunidade de repensar o modelo de Escola que queremos e os paradigmas educacionais em que nos movemos. No discurso atual, lidamos com documentos perfeitos, mas práticas seculares; palavras certas, mas concretizações nulas; ideais de massas, mas ideias vazias, e, ainda assim, acreditamos ser possível encontrar um equilíbrio entre o ensino online e o ensino presencial, porque parece ser este o “desenho curricular” mais viável no presente e no futuro. É preciso aprender a tirar partido do melhor destes “dois mundos” e colocá-los ao serviço de uma Escola melhor, de aprendizagens significativas, de currículos flexíveis no espaço e no tempo, em sintonia com a sociedade atual; um novo regresso deve ter por alicerces propostas concretas e coerentes dos grupos de trabalho governamentais, para que a Escola, enquanto espaço de conhecimento, mas também de relação, de cultura, de lazer e de memória, possa ser um lugar de transformação e de mudança para todos.

Que este abril seja o reflexo de um ano em que os filhos da madrugada façam da Escola o mapa sobre o qual a sua vida se desenrola, na esperança de que este seja o regresso a uma vida de afetos, a uma vida de corpos, a uma vida de públicos que, habitualmente encontram também na Escola Secundária de Camões, um lugar de acolhimento. Fica um convite de esperança no regresso, para nos acompanharem, nas comemorações dos 47 anos do 25 de Abril, com a liberdade de ir ou de estar, em presença ou *online*, nas atividades que organizamos em homenagem a Mário Cesariny, a Carlos de Oliveira, a Amândio Silva. Entre outros, contamos com a participação de Raquel Varela, Vasco Lourenço, Francisco Fanhais, Fernando Cabral Martins, Pedro Loureiro, António Carlos Cortez, Joaquim Vieira, Francisco Bethencourt e do Coro Camões.

Que nesta Liberdade do desconcerto se compreenda que há um mundo à espera de ser concertado.



## Confluências

### CELEBRAR ABRIL

### A Importância da Língua Portuguesa



Não é fácil começar um texto acerca da importância da língua portuguesa. Não é um tema que faça parte das nossas principais reflexões. Raramente nos apercebemos de que é uma extensão do nosso corpo. Tal como os olhos nos permitem observar e ter uma consciência única do que nos rodeia, a língua, que une a voz à história e à cultura, dá-nos a possibilidade de exprimir as nossas vivências, os nossos sentimentos e desejos com milhões de outros seres humanos.

A língua portuguesa não é só portuguesa, talvez nunca tenha sido. É brasileira, angolana, moçambicana, guineense, de Timor, de Macau, de Cabo Verde, de São Tomé e Príncipe e, principalmente, de todos e de nenhum, património imaterial, mas moldável.

Cada variante traduz maneiras diferentes de pensar e agir e o português não é exceção. O exemplo mais batido, apesar de tão profundo, é a palavra “saudade”, de um ponto de vista absolutamente nostálgico, termo sem tradução, falta de algo, por vezes sem vontade que regresse.

Passar a tarde a ouvir música ou a ler um livro fantástico é das mais belas experiências. Viajar até lugares tão longínquos, histórias, pessoas, sentimentos, paisagens, cheiros, paladares, através de ondas sonoras ou captações visuais que o nosso cérebro reconhece como familiares e transforma em pensamentos. Com Chico Buarque, Caetano Veloso, Ana Pessoa, José Luís Peixoto, Mia Couto e outros tantos, conhece-se mundo, amadurece-se, imagina-se, pois, à nossa maneira, partilhamos aquilo que nos liga intensamente.

Uma das mais encantadoras magias linguísticas é criar uma ponte entre os seus falantes respeitando, ao mesmo tempo, a individualidade do ser.

Este mar de letras tenta expor a aventura de uma mão e de um lápis, em cima de uma folha, que recebem comandos desta alma orgulhosa por fazer parte de uma comunidade de falantes tão diversificada e universal, em que há ainda tanto a partilhar e a aprender.

**Clara de la Féria Gaspar da Franca Pestana**

Aluna do 10.º ano de ciências e tecnologias da Escola Secundária de Camões

*“Entendo-vos árvores, flores, bancos, muros, edifícios. Compreendo a sensação de ver a vida a passar e de, por alguma, ou nenhuma razão, estarmos enraizados num ponto fixo. Aumentamos a dimensão da nossa pequena e insignificante existência e sentimos uma paz assoberbada de desconhecido.” Clara, sentada num banco a brincar com as palavras...*

5 de maio de 2021

Texto publicado no Boletim NOESIS (maio/2021), da Direção Geral da Educação, em edição temática dedicada ao Dia Mundial da Língua Portuguesa.

# Confluências

## CELEBRAR ABRIL

**ABRIL**  
47 anos

- 20/04 15h40  
Conferência com Raquel Varela
- 21/04 15h20  
Homenagem a Amândio Silva  
Vasco Lourenço e Francisco Fanhais
- 23/04 10h10  
Homenagem a Mário Cesariny  
Fernando Cabral Martins e Pedro Loureiro
- 26/04 10h10  
Homenagem a Carlos de Oliveira  
António Carlos Cortês
- Com a participação do Coro Camões e alunos
- 27/04 10h10  
Conferência com Francisco Brettencourt (Historiador)

Escola Secundária de Camões



**ABRIL**  
47 anos

19 de abril  
Robert Flaherty - Man of Aran (1934)

19:00h  
Auditório Camões

ABC  
ESCOLA SECUNDÁRIA DE CAMÕES

**ABRIL**  
47 anos

20/04 15h40  
Conferência com Raquel Varela

Escola Secundária de Camões

**ABRIL**  
47 anos

21/04 15h20  
Homenagem a

Amândio Silva  
1938-2021

com Vasco Lourenço e Francisco Fanhais

Escola Secundária de Camões



23 abril 2021

Três músicas

Para instrumentos

Allegro animato

**Homenagem a Mário Cesariny**

no Auditório

hora 10 h 10

Fernando Cabral Martins  
Pedro Sousa Loureiro

ESCOLA SECUNDÁRIA DE CAMÕES

Escola Secundária de Camões



# Confluências

## CELEBRAR ABRIL



# ABRIL

47 anos

20/04 19h40  
Conferência com Raquel Varela

21/04 19h20  
Homenagem a Amândio Silva  
Vasco Lourenço e Francisco Fanhais

23/04 10h10  
Homenagem a Mário Cesariny  
Fernando Cabral Martins e Pedro Loureiro

26/04 10h10  
Homenagem a Carlos de Oliveira  
António Carlos Cortez

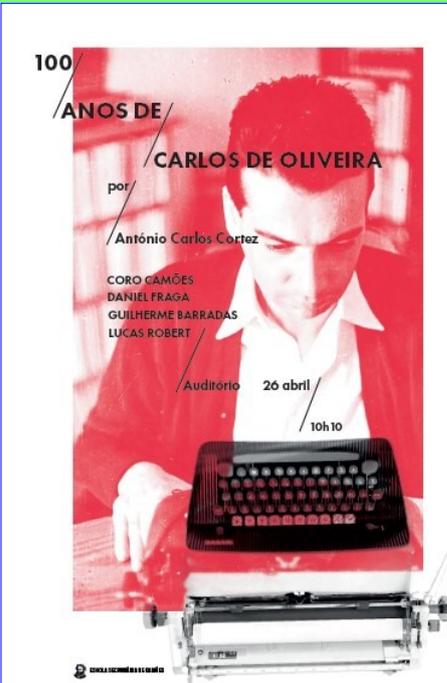
Com a participação do Coro Camões e alunos

27/04 10h10  
Conferência com Francisco Bettencourt (Historiador)

Escola Secundária de Camões



Foto de Mário Martins



100 ANOS DE CARLOS DE OLIVEIRA

por António Carlos Cortez

CORO CAMÕES  
DANIEL FRAGA  
GUILHERME BARRADAS  
LUCAS ROBERT

Auditório 26 abril / 10h10

8



# ABRIL

47 anos



26 de abril  
A Cantiga Era Uma Arma  
(Joaquim Vieira)

com a presença do realizador

15:20h  
e  
19:00h

Auditório Camões

Escola Secundária de Camões



# ABRIL

47 anos

27/04 10h10  
Conferência com Francisco Bettencourt (Historiador)



Escola Secundária de Camões

# Confluências

## CIDADANIA E DESENVOLVIMENTO

### Exercícios de Cidadania



O lixo marinho esteve em debate no passado dia 25 de março, quinta-feira, na Escola Secundária de Camões. Virtualmente, via plataforma Microsoft Teams, alunos, professores e outros participantes, de forma entusiasta, ouviram e interagiram com os oradores/comunicadores.

O seminário teve início com a comunicação do aluno João Devesa que apresentou o website



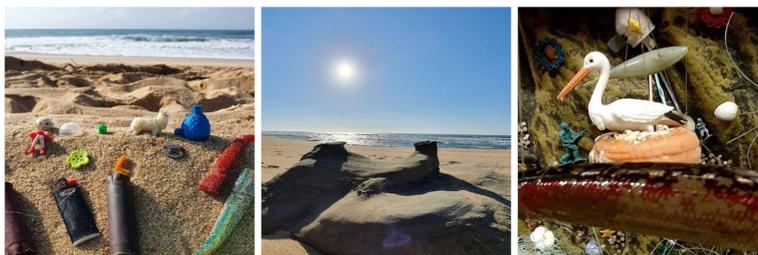
<https://cwcamoniano.ddns.net/>, criado pelo próprio e por outros dois colegas do curso de Técnico Profissional de Gestão de Sistemas Informáticos, tendo sido apresentado ao concurso Sitestar7 (promovido pela DECO jovem). O website foi construído para dar a conhecer as atividades do projeto CoastWatch que se realiza na escola desde há seis anos. Seguiu-se a comunicação do nosso colega Nuno Cunha que nos deu a conhecer os pósteres criados, no projeto de cidadania e desenvolvimento da sua turma, visando em uma interpretação dos 17 objetivos do desenvolvimento sustentável da agenda 2030 da ONU (<https://unric.org/pt/objetivos-de-desenvolvimento-sustentavel/>).

Terminada a apresentação dos projetos de cidadania dos alunos do 2ºN e 3ºN, seguiu-se a comunicação de Manuel Nascimento, engenheiro do ambiente, e dinamizador da conta Instagram *mar\_a\_deriva* (hiperligação para aceder a conta do Instagram: [https://www.instagram.com/mar\\_a\\_deriva/?hl=pt](https://www.instagram.com/mar_a_deriva/?hl=pt)), que nos apresentou a sua atividade de apanha voluntária de lixo marinho, enquanto cidadão ativo preocupado com a sustentabilidade ambiental, documentada com fotos e vídeos do lixo que

recolhem. O convidado/orador referiu que há duas décadas que oferece parte do seu tempo de lazer na recolha de lixo, com predominância nas praias entre Torres Vedras e Peniche, precisamente o local onde vive desde o casamento com Lídia Nascimento, impulsionadora também desta prática cidadã em Portugal.



Manuel Nascimento referiu, ainda, a tipologia de lixo que ocorre nas praias, com predominância dos resíduos de artes de pesca, apontou as fontes poluidoras, a idade de objetos encontrados, por exemplo brindes (bonecos) da marca de gelados “Rajá” vendidos no nosso País nas décadas de 60/70 do século passado e bastante lixo dos anos 1980, a articulação que mantém com “catadores” em Espanha, sendo este um fenómeno bastante atual nos países europeus



com litoral, e das zonas do País onde o problema do lixo marinho mais se verifica, entre outros assuntos.

A iniciativa terminou com breves palavras da professora Paula Monteiro e do diretor da Escola, professor João Jaime Pires, que felicitando os alunos pela organização e realização do webinar destacou a importância da participação dos jovens no ativismo ambiental.

Gabriel Corrêa & Gonçalo Antunes|11ºN

#### Professores



# Confluências

## CIDADANIA E DESENVOLVIMENTO

Mud@r pelas pessoas e pelo ambiente  
(Exposição que decorreu no mercado de Arroios entre 6 de maio e 6 de junho)



## Mud@r pelas pessoas e pelo ambiente

A exposição *Mud@r pelas pessoas e pelo ambiente*, alusiva aos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), Agenda 2030 da ONU, é o resultado da interpretação conseguida por um grupo de alunos, da Escola Secundária de Camões, a estes objetivos, como resposta ao Projeto de *Cidadania e Desenvolvimento*, que se propuseram realizar no ano letivo 2020/21.

São produções em cartaz, fotografias, monoblocos e instalações artísticas que, ao serem aqui mostrados, permitem dar a conhecer ao público em geral os 17 ODS, enquadrados em 4 dimensões: desenvolvimento humano, paz, justiça, natureza/ambiente e parcerias.

Todos os atores – organizações, associações, empresas e pessoas, desde a escala global à local –, têm em mão um importante desafio, pela sua ação individual e coletiva, na prossecução dos Objetivos, pelo que o contributo dos jovens estudantes é, também, fundamental para o sucesso da Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável.

Os Jovens promotores da aproximação dos cidadãos aos ODS:  
Alunos do Curso Técnico de Gestão e Programação de Sistemas Informáticos (12ºN), do Curso Profissional de Fotografia (12ºM) e de Artes Visuais – Oficina de Artes (12ºF).



design teresa almeida

# Confluências

## CIDADANIA E DESENVOLVIMENTO



Na inauguração da exposição

*Mud@r pelas pessoas e pelo ambiente*

### A consciência ambiental: ontem e hoje!



**Afonso Machado** – O GEOTA (Grupo de Estudos de Ordenamento do Território e Ambiente) é uma Organização Não-Governamental de Ambiente (ONGA) de âmbito nacional e constituiu-se legalmente em 1986. A **Engenheira Marlene Marques** [na foto, ao lado] foi sócia fundadora. Quais as motivações que a levaram, naquele tempo, a colaborar na criação do GEOTA?

**Eng<sup>a</sup> Marlene Marques** – Naquele tempo, eu era já aluna no curso de engenharia do ambiente e era, digamos, “amiga do ambiente”. Houve um grupo de pessoas, sobretudo alunos, ligados a Associações de estudantes de universidades, que se juntaram, no início dos anos 80, e dos quais fazia parte, para desenvolverem atividades em torno da defesa e proteção do ambiente. Sentia a necessidade de dar voz ao ambiente, pois havia muito para fazer em termos de produção de legislação ambiental. O país tinha pouca legislação para o ambiente, e ainda não existia uma Lei de Bases do Ambiente.

Naquele tempo, em Portugal, existiam poucas Associações de ambiente, e as que existiam, como a primeira a ser criada, a *Liga para a Proteção da Natureza*, centravam a sua ação, essencialmente, em questões da conservação da natureza. Foi também por este motivo que aquele grupo de estudantes do ensino superior sentiu que seria necessário criar um espaço de discussão e de intervenção pública, que não se centrasse apenas nas questões da conservação da natureza, mas que tivesse uma abordagem mais abrangente sobre tudo aquilo que dizia respeito ao ambiente (homem e suas atividades económicas, ar, água, biodiversidade...), que olhasse para o ambiente de forma integrada e interdisciplinar. E assim se constituiu o GEOTA, que é uma ONG de utilidade pública. Ainda aqui estou, depois de tantos anos, a dar-lhe esta entrevista como Sócia Fundadora.

**Afonso Machado** – Já falou da pouca regulamentação em matéria de ambiente que existia nos finais da década de 80 do século passado. Agora pergunto-lhe, que outras grandes questões ambientais faziam parte das vossas discussões?

**Eng<sup>a</sup> Marlene Marques** – Eu era uma menina, não é? Já se sabia muita coisa sobre o ambiente, havia preocupações diversas. Já tínhamos política de ambiente desenhada ao nível das Nações Unidas e da União Europeia. Em Portugal, não tínhamos entrado ainda na União Europeia, por isso a perceção dos problemas ambientais não era fortalecida. Eu diria que as pessoas que viviam em zonas industriais, por exemplo, no Barreiro e junto à nascente do Rio Almonda (fábricas de têxteis), começavam a ter a noção de que havia “coisas” que não estavam a funcionar bem nestas áreas industriais – chaminés com fumo negro, poluição dos cursos de água, etc. Na Televisão também se noticiavam acidentes, como as marés negras, em várias paragens do Mundo, que ajudavam à formação da consciência ambiental. Portanto, quero eu dizer que, com aqueles exemplos, a consciência ambiental da população portuguesa estava a crescer. Em diversos pontos do país, a poluição do ar e da água era grave, e faltavam instrumentos legais que ajudassem na luta e prevenção dos conflitos entre Homem – Poluição – Natureza. A poluição era sem dúvida o grande tema.

**Afonso Machado** – O GEOTA, que é “dono” do Projeto *CoastWatch*, há vários anos que colabora com a nossa Escola em práticas de educação para a cidadania ambiental. Como era a educação ambiental naquele tempo? E como é hoje?

**Eng<sup>a</sup> Marlene Marques** – A perceção das pessoas sobre o ambiente mudou e, com isso, as práticas de educação ambiental. Hoje, mais temas socioambientais entram na educação ambiental. Contudo, a educação ambiental, enquanto instrumento de sensibilização e ação para a resolução de problemas do ambiente, mantém-se desde aquele tempo, no GEOTA. É uma matéria, que, desde a criação da Associação, em 1986, acompanhou a nossa política de atuação. Continuam

as ações em educação ambiental, porque, apesar de terem já passado muitos anos – este ano o GEOTA faz 40 anos –, sentimos que a implementação de programas de educação ambiental são essenciais para a sensibilização e formação do público. Talvez hoje não seja preciso, como naquele tempo, explicar o que é a poluição e outros temas, porque fazem parte dos programas escolares, mas as pessoas querem outras “coisas”. Já não fazemos ações de educação ambiental apenas para informar, pois as pessoas querem participar, querem desenvolver projetos para o ambiente e sustentabilidade. **Os alunos da Escola Secundária de Camões, que fizeram este notável trabalho apresentado nesta exposição *Mud@r pelas pessoas e pelo ambiente* testemunham essa mudança que se operou na consciência sobre os problemas do ambiente e nas práticas de/em educação ambiental.** Nesta exposição, percebe-se a forma como refletiram sobre o ambiente e outros temas, como integraram conhecimentos de diferentes disciplinas nos produtos que apresentam. Os produtos que aqui apresentam resultam de uma reflexão em torno dos assuntos da Filosofia, da Biologia, das Ciências, da Geografia e de outras áreas do saber. Portanto, como eu disse inicialmente, o instrumento (a educação ambiental) é o mesmo, mas agora as práticas têm formatos diferentes. Já passaram 40 anos.

**Afonso Machado** – Voltando à educação para a cidadania ambiental, que o GEOTA tanto valoriza na sua atuação, quais os projetos que têm atualmente em desenvolvimento?

**Eng<sup>a</sup> Marlene Marques** – O GEOTA tem vários projetos de educação ambiental. Os projetos que desenvolvemos centram-se nas ações de educação ambiental promovidas pelo *Centro Ecológico Educativo do Paul de Tornada*, em Caldas da Rainha. Vale a pena visitar este espaço. Também desenvolvemos ações em relação aos rios. Temos um projeto que é o *Renature Monchique*, tendo o GEOTA vindo a publicar alguns livros que servem de base para sessões educativas centradas no conto. Quero realçar o Projeto *Coastwatch*, que é um grande programa de educação ambiental (como a Escola Secundária de Camões muito bem sabe ao participar há uns anos no projeto).

Fica o convite para uma visita ao *Centro Ecológico Educativo do Paul da Tornada*. E visitem a página web do GEOTA, onde encontram outros projetos que, porventura, me tenha esquecido de mencionar.

**Afonso Machado** – Engenheira Marlene Marques, quais as grandes questões ambientais que atualmente se discutem no país?

**Eng<sup>a</sup> Marlene Marques** – Bom, eu diria que discutimos questões que para nós são muito importantes, como a eficiência energética, a agricultura e os sistemas agroalimentares e os transportes e mobilidade. Este último é muito caro ao GEOTA. A mobilidade necessita de uma grande discussão a nível nacional, dado que o país tem de ter uma visão integrada das necessidades. Veja, há anos que se discute a construção de um novo aeroporto em Lisboa, por exemplo. Portanto, eu destacaria a questão da mobilidade como a mais emergente.

**Afonso Machado** – Engenheira Marlene Marques, quer partilhar mais alguma ideia connosco?

**Eng<sup>a</sup> Marlene Marques** – Eu quero partilhar convosco o entusiasmo com que participei na inauguração da exposição. Têm produções artísticas que fizeram, ao longo do tempo, e que refletem a vossa interpretação dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) e ao, mesmo tempo, e de uma forma integrada, mostram aqui cartazes notáveis sobre eles.

Parabéns pela exposição que aqui fizeram hoje!

**Afonso Machado** – Muito obrigado pelo tempo que nos proporcionou para esta entrevista. Ficamos por aqui, e até uma próxima oportunidade.

**Eng<sup>a</sup> Marlene Marques** – Obrigada, e até à próxima!

Entrevista à Eng<sup>a</sup> Marlene Marques,  
membro fundador do GEOTA

Por **Afonso M. P. Machado, 1º N**  
(Curso de TGPSI)

6 de maio de 2021





## Confluências

### MANDA UM POEMA AO CAMÕES

Augusto Santos Silva

(Ministro de Estado e dos Negócios Estrangeiros)

**Hoje, celebramos o Dia Mundial da Língua Portuguesa. Já em 2009, a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa havia escolhido o 5 de maio como Dia da Língua Portuguesa e da Cultura na CPLP.**

Dez anos depois, por iniciativa do embaixador António Nóvoa, acompanhada pelos seus colegas de países de língua portuguesa, a UNESCO ampliou o escopo do 5 de maio para Dia Mundial. O português juntou-se assim às línguas oficiais das Nações Unidas (árabe, chinês, espanhol, francês, inglês e russo), como língua com dia internacional.

Esta é a primeira coisa que celebramos: a projeção e o reconhecimento global do idioma. Falado, em todos os continentes, por mais de 260 milhões de pessoas, é um dos que mais crescem.

Valorizamos também o português como bem comum. Ele é língua oficial de nove países e uma região especial (Macau). Pertence a todos quantos o falam, o usam em casa, na escola, no trabalho, nos negócios, nos média, nas organizações, na ciência, no espaço público, na literatura e nas artes. A todos pertence, sem precedências nem hierarquias.

Celebramos ainda a diversidade de uma língua pluricêntrica, que conta com diferentes variedades. O que disse Mia Couto, adaptando a frase de Pessoa - "a minha pátria é a minha língua portuguesa" - poderíamos dizer todos. Os africanos, os brasileiros, os portugueses, os timorenses falam a mesma língua de diferentes maneiras. E a riqueza da língua vem desta diversidade.

Festejamos os usos da língua, que a transformam e vivificam. Desde logo, a literatura: as literaturas de língua portuguesa e as demais artes que dela se servem, como o cinema ou o teatro. E os saberes sobre a língua, que a estudam e aperfeiçoam. E o ensino em português e das culturas de língua portuguesa. Celebramos a importância da língua comum como meio de comunicação e, por isso, de intercompreensão e, por isso, de respeito mútuo.

Por estes dias, em 45 países, uma centena e meia de atividades promovidas ou apoiadas pelo Instituto Camões, pela CPLP, pelas embaixadas de Portugal e de outros países lusófonos, dão vida ao Dia Mundial. Gosto, em particular, das que decorrem em escolas, universidades, salas de concertos, auditórios, livrarias e bibliotecas. Mas também nas praças e jardins. Terá lugar, pelo segundo ano consecutivo, a corrente iniciada pelo nosso leitorado em Estocolmo: professores e estudantes de português dispersos pelo mundo lerão textos literários num qualquer espaço exterior das suas cidades. E em Angola nasceu outra iniciativa nas redes sociais, em que as pessoas são convidadas a publicar pequenos vídeos declamando poesia. Sob um belo título: "Manda um poema ao Camões".

Cara leitora ou leitor: hoje, em casa ou na rua, mande também um poema a Camões. Ele, "lá no céu etéreo" a que subiu, ficará contente.

<https://www.jn.pt/opiniao/convidados/manda-um-poema-ao-camoes>

05 Maio 2021

QUINTA-FEIRA, 20 DE MAIO, 18H30  
apresentação dos livros de poesia  
A SEIVA DOS DIAS de António Souto  
BARCELONA de António Manuel Venda

A Seiva dos Dias terá apresentação de Carlos J. F. Jorge, professor jubilado da Universidade de Évora.  
José do Carmo Francisco, jornalista, poeta e crítico literário, apresentará o livro Barcelona.

O evento conta-se na rede de segurança da Direção-Geral do Livro, Intervenção e Participação em Múltiplos.

<http://www.dgllp.pt>

## A SEIVA DOS DIAS e BARCELONA

20 de maio de 2021  
de  
António Souto  
e  
António Manuel Venda

Dois livros de poesia  
com apresentação de  
Carlos J.F. Jorge  
e  
José do Carmo Francisco



# Confluências

## DIA MUNDIAL DAS ARTES

“A propósito do Dia Mundial das Artes, em Homenagem a todos os Artistas de todas as Artes, de hoje e de sempre.

Porque a Arte e a Cultura não podem esperar. Porque a Arte e a Cultura não nos fazem esperar.”

Escultura de homem em papel e Fotografia

Mónica Lapa Neves

(aluna Curso Profissional de Fotografia)



## UM CONTRIBUTO

UM LONGO PERCURSO DE TREZE ANOS (A CAMINHO DOS CATORZE)

CUMPRINDO OS OBJETIVOS FUNDADORES

**a)** dar primazia às produções dos alunos (solicitadas em contexto de aula ou livremente entregues), conferindo-lhes uma meritória visibilidade, **b)** fomentar a boa utilização das novas tecnologias, quer através de uma edição em suporte papel, como ora acontece, quer através de uma edição ‘em linha’, como se ambiciona, **c)** propiciar uma dinâmica informativa (interna como externa à escola) proveitosa para o enriquecimento (inter)disciplinar, **d)** envolver a comunidade escolar e educativa em torno do Projecto Educativo – “Por uma Escola Participativa e de Qualidade” – e **e)** contribuir para a memória histórica da centenária Escola Secundária de Camões.



## Confluências

### COISAS QUE NÓS FAZEMOS

Esta exposição virtual resulta da iniciativa dos alunos do Curso Profissional de Técnico de Fotografia (disciplina de Técnicas Aplicadas), do 12º M, da Escola Secundária de Camões, no sentido de mostrar ao mundo o resultado do trabalho que desenvolveram ao longo do seu percurso escolar.

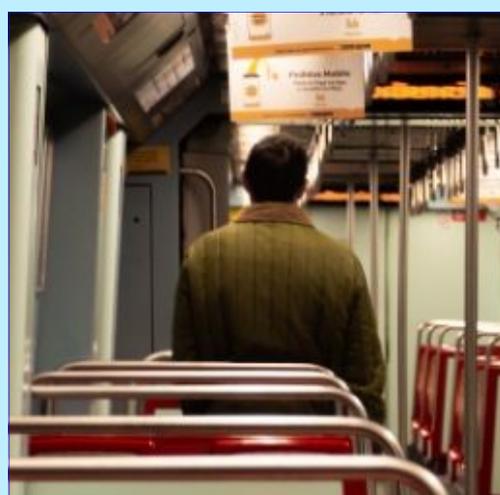
**Autores das fotos:** Alexia Goes, Bruna César, Diana Neves, Élio Fortes, Inês Baptista, Inês Rodrigues, Inês Marques, Milton Domingos, Mónica Lapa Neves, Patrícia Galvão, Rafael Badura, Rafaela Vaz, Rosana Reis, Temurjon Ilhomov

**Montagem:** Bruna César e Rafaela Vaz

**Curadoria:** José L. Dinis

<https://www.artsteps.com/view/5fb128d816aa1b10ded57174>

[Recomenda-se a utilização da aplicação Artsteps se for utilizado smartphone ou tablet.]



## ÚLTIMA PÁGINA



António Souto  
Professor  
antonio.j.souto@gmail.com

## Triste cousa de ver

**P**rimeiro foi um rumor, uma coisa vaga, distante, depois alguma apreensão, e do nada, pronto, as portas cederam. É a globalização. Da incredulidade ao pavor foi um instante. Parece que ainda ontem, mas não, passou já um ano. Demasiado rápido, dirão alguns, tão de sofrimento, dirão outros, e todos exaustos em unísono, pequenos e graúdos, cada qual a seu jeito. E assim vamos, confinados e mal paços, com a vida toda esfrangalhada, em fanicos, e a procissão, saída há muito do adro, tem pela frente léguas a percorrer, como uma via-crúcis sem calvário à vista. A cada dia que passa, de variante em variante, dirimem-se polémicas, refazem-se cálculos, determinam-se metas e calendários, aguça-se a esperança. A última a morrer.

Não será caso para renúncia nem para recantar a expressão «Tudo como dantes, quartel-general em Abrantes», mas a verdade é que os natais e as páscoas e os verões se não compadecem com vírus pegajosos e remediadas vacinas; e por esforçadas providências que se tomem, há padecimentos duros de combater e resultados difíceis de lograr. Coisas que exigem cooperação, paciência e uma boa dose de bom senso. Nada disto, enfim, em consonância com apegos próprios, com prestezas, com negacionismos. Infelizmente, há quem rejeite as evidências, há quem evite recolhimentos, há quem alardeie desapareços. Pior, há quem prevarique e provoque. Em situações de calamidade, há sempre à

espreita uma qualquer criatura oportunista e perversa determinada a contornar os deveres e a investir contra os mais vulneráveis. Foi assim no passado recente, quando meio país ardia, é assim no presente, quando o país e o mundo estiolam.

Em cada provação da vida, e esta de hoje é talvez a maior de todas, porque sem fronteiras, vem ao rés da pele aquilo que de mais altruísta e de mais mesquinho coabita no ser humano: ora irrompe a mobilização solidária de alguns que, em gracioso auxílio, fazem das tripas coração, ora assoma a fereza de outros que, ultrapassando a decência, escarafuncham as fragilidades alheias para satisfação de uma avidez doentia. E aqui cabem quantos despudoradamente se disfarçam – de falsos técnicos a falsos inspetores, de falsos enfermeiros a falsos médicos, gente falsa e vil, portanto –, para seduzir e roubar necessitados e incautos. E se assim é no espaço real e físico, o mesmo acontece, sobremaneira, no espaço virtual e digital. Referem as estatísticas que nunca se terá burlado tanto pelo telemóvel, pelas redes sociais e pela Internet como agora, em pandemia. Não se aprende, nunca se aprende quando se confia numa voz maviosa ou num ecrã, quando a candura da primeira vez se sobrepõe à probabilidade do risco, quando a esperteza fala mais alto e invade a solidão sem dó nem piedade. «Triste cousa de ver», como bem poderia repetir o cronista neste quadro comum de flagelo. ©

Em cada provação da vida, e esta de hoje é talvez a maior de todas, porque sem fronteiras, vem ao rés da pele aquilo que de mais altruísta e de mais mesquinho coabita no ser humano.

### De conversa com o aspirador

Hoje acordei dentro de uma pintura de Mark Rothko, envolvido em cerúleos e ultramarinos a apertarem-se contra a prata, as rochas e a areia, num oceano difuso, escuro, para além da noite.

Ofuscado pela argenta luz, sob os laranjas via, lá longe, a outra arte a enrolar-se na sua grande dívida técnica, atulhada em automatismos e repetições, focada nos insuflamentos mediáticos e mercantis...

Às vezes vejo-me parado no tempo, como um retrato fixado a saís de prata num espelho enferrujado, esfumado por verdes-floresta e cinzas-alabastro, na escadaria de uma velha casa andaluza.

Outras vezes afigo a minha epiderme translúcida, sentindo a orfandade da carne, pura e quente, a latejar sobre uma mesa de fórmica, de uma luminosa leitaria de bairro e penso: - existir é o suficiente, sábios são os que vivem o presente com a noção profunda do tempo.

Esta noite estive perdido na Serra, a divagar, na procura de Cíntia, que vislumbrava entre as ramagens, a pairar dourada, rosa e azul, nos invisíveis tons de um imaginário Monte Cinto ...

Um Homem torna-se um ser sem vontade de progresso quando sabe que o conhecimento pode levar à selvajaria e à destruição...

Mas não era este o propósito de vir aqui ao Facebook. Apenas queria dizer que o meu robot-aspirador só funciona se estiver ligado à Internet, e eu já lhe disse: - Tu finges que aspiras, mas o que estás a fazer é a mapeares-me o apartamento e a enviases os dados para a tua multinacional, meu madraço redondo!

- Sabes tudo sobre este T2 de tábua corrida, situ-

ado numa perpendicular à Ferreira Borges, e até, quem sabe, se não enviaste já o desenho destes herdados metrinhos quadrados para os fluxos de dados dos teus parceiros imobiliários...

- Com o teu zumbido suave, finges que limpas o chão... tu e os outros clones, varredores de memórias centenárias, são uns espões desalmados ao serviço da incivilidade...

- Mas agora não há mais nada a consertar, vou barrar-te a rotina, ficas a aspirar os teus longos nervos e eu vou ter com o que nem sonhas existir, as fragrâncias das flores nocturnas que desabrocham à luz da grande lua, naquela serra apertada pelo mar.

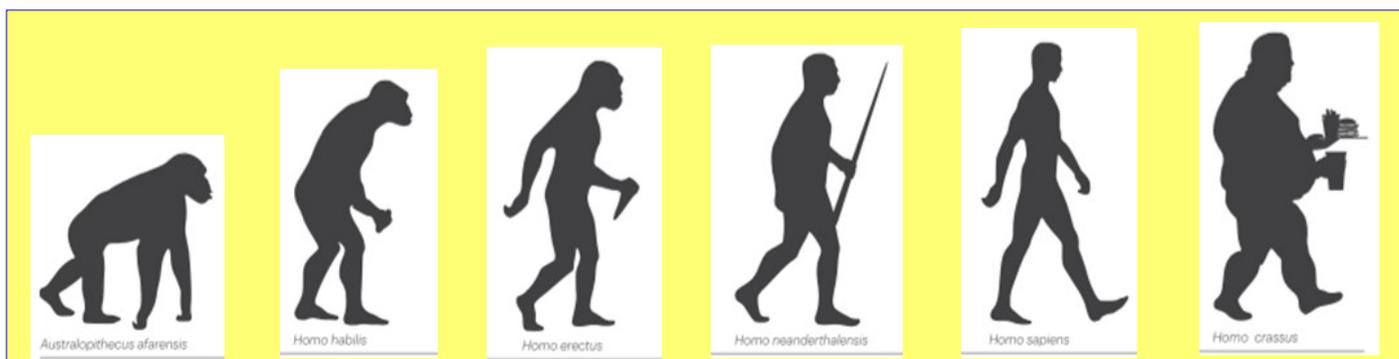
- Em longos minutos, ouvirei o suave ruído das vagas, que vão e que vêm, das árvores e dos arbustos que produzem todo o vento que as move. E, como um sonâmbulo, entre rostos e vozes longínquas, fora da onzena, esquecerei as tuas habilidades.

- Se tu, almeida eletrónico, tu e o tijolinho espão, se mapeásseis os insalubres metros quadrados dos pardieiros das cinturas rurais escondidas, rurais e urbanas, e se vos desenvencilhásseis dos pés dos beliches e dos colchões manchados, das tosses e dos medos dos invisíveis homens vindos de países onde não há mulheres, mostrando-os ao mundo, seríeis uns valentes autómatos, dignos de um monumento contra a desumanidade encoberta, lembrada num pulveroso barulho que agora se solta da plastificada Costa Alentejana.

Mas, não sei, mesmo que o fizésseis, estas e outras nódoas que nos endurecem o quotidiano são mais do que prova de que a humanização não é querida nem imprescindível...

**Jorge Castanho**

Texto e foto (tirada num comboio) do A.  
[facebook.com/jorge.m.castanho, 04/05/2021]



# Confluências

**CAMUSICANDO**  
25 de Março 2021  
17H00  
Código de acesso: albeww1  
Escola Secundária de Camões

**FILMES CULTO KES**  
19:00H - Auditório Camões  
Escola Secundária de Camões

**CANSAT PORTUGAL**  
Curtem satélites?  
Podem estar desCansados!  
Participação da E.S. Camões do 8.º Cansat Portugal  
4 de Maio | 11.50 - 13.20  
AUDITÓRIO  
Na equipa Cansados estão: Diogo Nunes, Guilhermo Almeida, Guilherme Reis, João Gomes, Rui Fonseca  
Escola Secundária de Camões

**CELEBRATING NEW ZEALAND**  
May 7, 2021  
11.50 pm | Auditorium  
Escola Secundária de Camões

**FILMES CULTO DOIS VULTOS NA PAISAGEM**  
19:00H - Auditório Camões  
Escola Secundária de Camões

**FILMES CULTO FILHOS DO PARAÍSO**  
19:00H - Auditório Camões  
Escola Secundária de Camões

**PALESTRA**  
-SABES QUE TODOS OS DIAS FALAS KRIGG?  
PROFESSORA DEUTORA MARIA DE FATIMA SILVA  
Instituto de Física de Universidade de Coimbra  
Instituto de Física de Universidade de Coimbra  
18 Maio 2021 | 17h30h | BIBLIOTECA  
CECH - Escola Secundária de Camões

**Mud@**  
pelas pessoas e pelo ambiente  
**Exposição**  
Mercado de Arroios  
6 Maio | 6 Junho  
ENERGIA LIMPA E ACESSÍVEL  
NATUREZA EQUILÍBRIO  
ARROYOS JUNTA DE FREGUESIA

B  
R  
E  
V  
E  
S

**FILMES CULTO CADÁVERES INCÓMODOS**  
19:00H - Auditório Camões  
Escola Secundária de Camões

**JUNHO 2021 Programação**  
07 Junho  
A MULHER DEMÓNIO  
Título original: Onibaba  
Real. e Arg. Kaneto Shindo  
14 Junho  
QUEM CANTA LA EM BAÑO  
Título original: Ko to jama pera  
Real. Slobodan Sijan 1  
Arg. Dusan Kovacevic  
19:00H - Auditório Camões  
Escola Secundária de Camões

**FILMES CULTO A Mulher Demónio**  
19:00H - Auditório Camões  
Escola Secundária de Camões

**CONCLUÍDO MAIS UM ANO LETIVO, O DESEJO DE BONS EXAMES E DE MERECIDAS FÉRIAS!**  
(SEMPRE COM O CUMPRIMENTO DAS MEDIDAS, ORIENTAÇÕES E RECOMENDAÇÕES EM VIGOR)

Página institucional da Escola Secundária de Camões  
<https://liceucamoes.wixsite.com/camoes>

A todos quantos dedicadamente colaboram com a cedência de textos, fotos e cartazes para este Boletim, uma palavra de reconhecido agradecimento.

**Com o generoso apoio do Grupo Desportivo e Cultural do Banco de Portugal**